

A Lady de Shalott também é brasileira: uma análise socioantropológica sobre o poema “The Lady of Shalott” como registro na denúncia da violência psicológica contra a mulher

Lucas Pinheiro Tenório Farias¹

Recebido em agosto de 2022

Aceito em dezembro de 2022

RESUMO

Este artigo objetiva fazer uma reflexão sobre as diferentes formas de violência a que as mulheres foram submetidas no mundo ocidental através da análise do registro poético *The Lady of Shalott* escrito em 1833 por Alfred Tennyson (1809-1892), que representa um dos mais importantes documentos acerca do cenário de opressão feminina durante o século XIX e, a partir dele, traçar uma correlação com a atual situação de violência psicológica a que grande parte das mulheres brasileiras ainda vêm sendo submetidas, dentro dos mais variados espaços da estrutura social. Adjunto a isso, busca-se discutir o papel simbólico da musicalização no sentido de potencializar o acesso aos registros históricos e como um mecanismo importante na denúncia contra o estado patriarcal.

Palavras-chave: Poema; Mulheres Vitorianas; Violência Psicológica; Registros Históricos.

The Lady of Shalott is also Brazilian: a socio-anthropological analysis of the poem “The Lady of Shalott” as a record in the denunciation of psychological violence against women

ABSTRACT

This article aims to reflect on the different forms of violence to which women were subjected in the western world through the analysis of the poetic record *The Lady of Shalott* written in 1833 by Alfred Tennyson (1809-1892), which represents one of the most important documents about the scenario of female oppression during the 19th century and, from there, to trace a correlation with the current situation of psychological violence to which a large part of Brazilian women are still being subjected, within the most varied spaces of the social structure. In addition to this, it seeks to discuss the symbolic role of musicalization in the sense of enhancing access to historical records and as an important mechanism in denouncing the patriarchal state.

Keywords: Poem; Victorian Women; Psychological Violence; Historical Records.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista Funcap do projeto de pesquisa “Rastros da Memória em Narrativas Literárias: Grafando recordações na literatura Africana e Brasileira”. E-mail: lucaspinheiroufc@gmail.com

Introdução

A historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz (2019), em uma de suas palestras sobre autoritarismo afirmou: “Nosso presente anda lotado de passado”. Contudo, essa reflexão não se refere somente às antigas tensões políticas que continuam abalando o cenário mundial e modificando gradativamente a conjectura social da civilização humana, como bem quis salientar a pesquisadora; mas também, pode ser utilizada como gatilho primordial para uma longa discussão sobre o resgate secular de registros históricos e culturais de modo a revelar determinados contextos sociais.

Esses vastos e milenares acervos culturais representam uma longa viagem ao passado, todavia, conforme afirma Hannerz (1997), nem sempre o próprio estudo antropológico esteve muito preocupado com o entendimento da complexidade da integração cultural que, em certa medida, é possibilitada pelo globalismo. Segundo o autor:

Quanto às interconexões culturais no espaço e à atual reorganização da diversidade cultural no mundo, é possível que elas não tenham, de fato, recebido muita atenção por parte da corrente majoritária da disciplina que tende a descrever as culturas como estáveis ou limitadas; embora eu acredite ser possível argumentar que esses fatos nunca estiveram de todo ausentes das preocupações da antropologia, mesmo que tenham aparecido sob os mais variados disfarces conceituais (HANNERZ, 1997, p. 8).

Nesse viés, a música também pode ser considerada como um produto desses registros atemporais que fazem parte dessa relação intercultural, sendo imprescindível no entendimento de determinados contextos sociais conforme nos mostra Oliveira (2007):

Afirmamos: a música comunica. E se tivéssemos que traduzir em palavras tudo o que a música nos comunica, diríamos: emoções, sentimentos, imagens, metáforas, presente — passado — futuro, tempo decorrido, continuidade, ritmo, melodia, harmonia, ideias musicais, timbres, tensão, cadência, tema, período, forma, dissonância, música para piano, Arthur Moreira Lima, Villa-Lobos, modernismo, Brasil, folclore, Bach, ostinato rítmico, século XX, dança, e quantas coisas mais (OLIVEIRA, 2007, p. 102).

Assim sendo, é imprescindível discutir a participação do repertório musical não apenas no sentido de compor os acervos da memória cultural, mas sobretudo como representante de um notável instrumento de comunicação, sendo responsável por levar ao ouvinte determinadas mensagens, cabendo a este o processo de decodificação. Essa metodologia também vem ajudando professores a tornarem as suas práticas de ensino cada vez mais interativas, visto que muitas vezes os alunos não interagem com o passado (SOARES, 2017), ainda que este esteja presente, prejudicando a longo prazo a sua capacidade crítica. De acordo com Reily (2014, p. 2): “[...], a música nos induz a fazer conexões entre memórias diversas e a criar um espaço para articular nossas vidas a outras vidas e nossos presentes com uma infinidade de passados e temporalidades”.

Ainda nessa perspectiva, é inevitável mencionar a importância da música como manifestação do contexto social no qual estão inseridos os indivíduos. Sobre isso, Neto (2017) argumenta:

A música representa o dia a dia, as formas de viver e os diversos comportamentos das pessoas. As práticas artísticas vinculadas à música não podem ser desmembradas da cultura. Cada contexto cultural, isto é, os modos diferentes de se fazer cultura manifestam seus próprios tipos musicais, que podem ser bastante diferentes em seus estilos e concepções, na qual a música e seus objetivos desenvolvem diferentes papéis em cada contexto social (NETO, 2017, p. 85).

Essa forma de expressão, também artística, poderia tornar-se uma forte aliada na denúncia das diferentes manifestações de violência que se fazem presente na sociedade, principalmente às formas de opressão a que as mulheres são cotidianamente submetidas. Um desses exemplos é manifestado na obra musical “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares (1930 - 2022), onde a cantora assume o papel principal de uma mulher vítima de violência doméstica. O refrão “Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim” (SOARES, 2017) é utilizado pela artista como estratégia de mobilização contra essa realidade, que finaliza pedindo que as mulheres utilizem a central de atendimento à mulher (Ligue 180) para denunciar seus agressores. Posto isto, a cantora e compositora canadense Loreena McKennitt (1957) vem desempenhando, ao longo de décadas, um papel fundamental no entendimento de que a conservação de literaturas e registros milenares por meio da musicalização, além de resultar em um choque entre fronteiras culturais distintas, principalmente por conta das turnês que vem realizando

em diversos países, permite-nos desvelar determinados contextos. A artista revela que, ao embarcar nos estudos da cultura celta, pôde relacioná-los com mitos e tradições de povos distintos. Segundo McKennitt (2022): “Eu me vi atraído por uma rica e antiga tapeçaria de sons, ritmos e histórias. I found myself drawn into a rich, ancient tapestry of sounds and rhythms and stories. “I discovered myths and traditions that resemble one another from far corners of the globe, people who share traits and yet are distinctive”.²

Considerando essas nuances, este artigo tem como finalidade analisar o tradicional poema inglês “The Lady of Shalott”, musicado por Loreena, de forma a buscar revelar como elementos de contextos e épocas distintas podem fazer uma correlação com a atualidade e de como esse “choque cultural” pode ser interessante não só para o entendimento da diversidade artística que se faz presente além das fronteiras geográficas, mas também pode vir a contribuir com o resgate dos registros históricos da civilização ocidental, sobretudo no que se refere ao regime de opressão às mulheres.

The Lady of Shalott³

Conhecido pelos seus poemas clássicos e com uma ampla referência medieval, Alfred Tennyson (1809-1892) escreveu, em 1833, um dos registros mais célebres da literatura inglesa, *The Lady of Shalott*. Contudo, apesar de Tennyson utilizar como base para construção desse poema a antiga lenda arturiana de Elaine de Astolat⁴ o poeta teve como maior referência o retrato da opressão a que as mulheres da era vitoriana, período que marca o reinado da rainha Vitória na Inglaterra entre 1837 e 1901. Esse período é marcado por abusivos códigos de conduta que restringiam a mulher apenas ao papel maternal e do cuidado com o lar, tendo a sua sexualidade, intelectualidade bem como exposição social minuciosamente controladas (FABRÍCIO, 2015). Segundo Alwan (2019):

² Citação retirada do seu site oficial: <<https://loreenamckennitt.com/>>.

³ Optei por utilizar o poema original, tendo como base a tradução de Helena Barbas (2006).

⁴ Personagem presente no romance *Lancelot - Graal*, coleção de lendas do Rei Arthur, escrito por Robert de Boron entre as décadas de 1210 e 1230. Conta a história de uma jovem moça que morre por conta de seu amor não correspondido pelo cavaleiro Sir Lancelot.

In multiple ways, the poem *The Lady of Shalott* stressed the belief of the confined woman in the Victorian Age, yet the poet uses the title to allude to the fact that it will focus on a woman character; Tennyson places emphasis on the natural surroundings of the poem. There is seclusion during the Victorian age that is practiced on woman's existence; the lady is kept in her prison that isolates her from Camelot (AWAN, 2019, p.812).

Nesse sentido, o poema começa discorrendo sobre uma bela mulher que foi amaldiçoada a ficar em uma torre tecendo sem nunca olhar para a movimentada e alegre cidade de Camelot, a qual poderia ser vista através da janela.

Ali ela tece de noite e de dia uma teia mágica com cores alegres./Ela ouviu um murmúrio dizer,/Que uma maldição sobre si cairá/Se olhar para Camelot./ Não se sabe bem o que a maldição possa ser,/E por isso vai tecendo constante,/ E nenhum outros cuidados tem/ A senhora de Shalott (TENNYSON, 2006, p. 2).

No transcorrer desse registro secular, é perceptível notar também uma pequena referência ao mito da caverna, metáfora escrita por Platão aproximadamente entre 380 e 370 a.C, contida no livro *A República*, na qual é mencionado que a jovem prisioneira consegue ver Camelot e alguns dos seus habitantes apenas através das sombras projetadas no espelho: “E movendo-se por um espelho claro,/Dependurado diante de si o ano todo,/Sombras do mundo lhe aparecem.” (TENNYSON, 2006, p. 3).

Contudo, longe de ser uma crítica a ignorância humana, como bem quis enfatizar o filósofo, nesse caso, o presente enxerto tem como principal característica mostrar, ainda que de forma bastante subliminar, a situação de violência e submissão em que se encontravam as mulheres influenciadas pelos valores vitorianos. De acordo com Garmus (2016, p. 20 apud Brown, 1985, p. 72), a mulher ideal da era vitoriana “[...], foi completamente ociosa, considerada como um enfeite, totalmente dependente e sem função, exceto inspirar admiração e ter filhos”.

Todavia, a Lady de Shalott, cansada da monotonia da vida que levava (representada, como veremos, pelo abuso psicológico), abandona a teia e o tear, dá três passos a cruzar a sala e observa Camelot, contrariando o que estava posto pela maldição. Nesse momento, “Para longe voou a teia, e flutuou esparsa;/ O espelho partiu-se de lado a lado./A maldição caiu sobre mim,/gritou a senhora de Shalott”

(TENNYSON, 2006, p. 4):

Lutando contra um tempestuoso vento leste/ Os bosques amarelo-pálido
desvaneciam-se/ O largo ribeiro a lamentar-se nas margens,/ Pesadamente o
céu baixo começou a chover,/Sobre as torres de Camelot./ Ela desceu e
descobriu um barco/Abandonado a flutuar sob um salgueiro,/ E entorno da
proa escreveu, A Senhora de Shalott (TENNYSON, 2006, p. 4, grifo do autor).

Contudo, instantes depois de ter finalmente saído da torre em que era mantida prisioneira, logo após escrever o seu nome no barco, ao anoitecer, ela o desamarra do salgueiro, deita-se nele com seu vestido branco e segue em direção a Camelot, morrendo no percurso, cantando a sua última canção.

Assim, temáticas e personagens do ciclo arturiano, retomadas no século XIX pela pintura e pela poesia, servem ao historiador não como indícios de entrada ao mundo medieval, tal como ele teria sido, e sim da maneira como o século XIX pensava a Idade Média, ou ainda do modo como, através da inspiração medieval, os artistas do oitocentos expressavam as questões cruciais do seu próprio tempo (PESAVENTO, 2002, p. 57).

Imagem 1 – *The Lady of Shalott* (1873)



A pintura feita pelo inglês Arthur Hughes (1832- 1915) retrata o momento em que o corpo pálido da Lady chega até a cidade de Camelot, sendo observado por seus habitantes. Fonte: The Fine Art Society, Londres

Apesar das obras de Tennyson serem conhecidas mundialmente, é através de Loreena Mckennitt que o poema *The Lady of Shalott* passa a ganhar cada vez mais

notoriedade, sobretudo por deixar de ser exclusivamente parte do numeroso acervo literário inglês, para constituir uma nova camada de definição que terá, nesse momento, o processo de musicalização como o principal responsável por esta mudança de paradigma. Em 1991, Mckennitt lança o álbum *The Visit*, no qual ela realiza a musicalização de alguns registros históricos, dentre os quais está o poema de Tennyson⁵.

A musicalização pode ser uma forma de publicizar o acesso aos poemas, e que alguns artistas como Waly Salomão, faz o uso dessa estratégia (OLIVEIRA, 2017):

Como as pessoas não costumam comprar livros de poesia, uma forma de esta chegar ao público é através da canção. Foi o que aconteceu com *A Fábrica do Poema*, assim como com outros poemas de Waly Salomão. Tal fato mostra a irreverência deste poeta, que deixa sua obra ser musicada para chegar a um número maior de pessoas e, ainda, mostra a importância maior de seus poemas, continuando a escrevê-los depois (OLIVEIRA, 2017, p. 219).

Nas entrelinhas de uma metáfora: a *Lady de Shalott* também é brasileira

Segundo nos foi mostrado no tópico anterior, o poema, além de ser um dos mais célebres registros da literatura inglesa pode ser considerado também um dos vastos relatos de opressão a que a mulher do século XIX foi submetida, sobretudo pela influência dos valores vitorianos, cenário que se refletirá ainda na contemporaneidade (MORAIS, 2004 *apud* GARMUS, 2016).

Dias (2016) nos mostra que nesse período “Desde criança as mulheres eram domesticadas, educadas para o lar, para a maternidade e quando a mulher tinha comportamento diferente daquele imposto era rotulada como louca ou demoníaca, alguém que não dispunha de uma boa saúde mental [...]” (DIAS, 2016, p. 14). Além disso, esses conceitos buscavam apoiar-se na suposta justificativa científica da época que tentava provar que as mulheres eram mais suscetíveis à loucura⁶, para desta forma torná-las propriedade do estado patriarcal. Essas e outras afirmações de cunho sexista e misógino vão ser questionadas por lideranças do movimento feminista, que vai traçar

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K5v7SAW3tl>>.

⁶ Michel Foucault (2019) em “História da Loucura” discute os códigos que fazem um indivíduo ser considerado “louco” abrindo espaço para melhor compreensão desta tentativa de patologização feminina.

estratégias para o enfrentamento a posição subordinada das mulheres, tanto dentro das instituições de Estado como na sociedade civil (BRAH, 2006).

A crença médica de que a instabilidade do sistema nervoso e reprodutivo da mulher a fazia mais vulnerável à loucura do que o homem acarretava certas consequências sociais. Tal crença era usada como pretexto para afastar a mulher de atividades profissionais, para negar-lhe direitos políticos e mantê-la sob o controle do homem, tanto por razões de família quanto por razões de Estado (MONTEIRO, 1999, p. 67).

Todavia, longe de ser uma condicionante somente da antiga Inglaterra, “O drama da violência contra a mulher faz parte do cotidiano das mulheres, do país e do mundo” (TELES; MELO, 2017, p. 5). No Brasil, essa realidade não é diferente, segundo informações retiradas do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, somente no primeiro semestre de 2020, aproximadamente 648 mulheres foram assassinadas. De acordo com os pesquisadores, esse cenário é resultante da dificuldade do acesso das vítimas aos órgãos de proteção que foi agravado pela pandemia da Covid-19. Blay (2003) nos mostra que na cultura brasileira a existência de uma hierarquia de poder do homem sobre a mulher além de ajudar na própria potencialização da violência há uma reverberação na desestruturação familiar, emocional e econômica.

Contudo, para além da violência física, ainda existe a psicológica. Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, somente em 2020 foram mais de 13 milhões de casos desse tipo de abuso. Segundo Caponi, Silva e Salema (2007, p. 98): “A principal diferença entre violência doméstica física e psicológica é que a primeira envolve atos de agressão corporal à vítima, enquanto a segunda forma de agressão decorre de palavras, gestos, olhares a ela dirigidos, sem necessariamente ocorrer o contato físico”.

Partindo dessas considerações, poderíamos facilmente enxergar a personagem de Tennyson como sendo uma mulher brasileira vítima de violência psicológica. Para tanto, é necessário que desmetaforizemos alguns elementos fundamentais presentes no poema para o entendimento dessa afirmação, dentre os quais estão a “maldição”, o “espelho” e a fictícia “cidade de Camelot”.

Segundo nos foi mostrado no poema *The Lady of Shalott*, a jovem prisioneira é amaldiçoada a nunca olhar para a cidade de Camelot, não sendo mencionado, no

entanto, nem o motivo, nem quem teria feito tal atrocidade. Contudo, a partir do que foi exposto ao longo deste texto, a protagonista seria na realidade o retrato da mulher vitoriana marcada por uma série de códigos opressivos que tinham como principal função dar sustentação à sociedade patriarcal⁷, que, embora se trate de uma dominação histórico-social de homens sobre mulheres, colocando-as em papel de inferioridade ou invisibilidade, não deixa de contar como base de apoio à própria esfera feminina. Conforme Lerner (2019):

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que durou cerca de 2500 anos para ser completado. Na sua forma inicial o patriarcado apareceu como um estado arcaico. A unidade básica de organização foi a família patriarcal, que expressaram e geram constantemente suas regras e valores (LERNER, 2019, p. 289).

Desta forma, podemos considerar então, que na realidade a “maldição” nada mais era do que uma metáfora à própria sociedade vitoriana, que, apoiada na figura masculina, buscava reprimir a presença feminina nos espaços que permeiam a estrutura social, tendo o lar como o único espaço disponível.

Ainda nessa mesma perspectiva, no que tange ao simbolismo que o espelho representa no poema de Tennyson, Pesavento (2002, p. 72) afirma: “Mas o espelho é ainda uma busca de identidade entre o ser e o seu duplo, onde o parecer ocupa o espaço do ser. O reflexo é a arte do parecer, mundo da representação que se coloca no lugar da realidade”. Para além do contexto nada favorável para uma mulher inglesa do século XIX, ainda há o conflito de identidade que será decorrente da estrutura de opressão em que se encontra a personagem. Nesse momento, a Lady mostra-se em confronto com a própria representação refletida no espelho, que imortalizada na pintura de Waterhouse (1849-1917), revela uma mulher marcada pelo cansaço do tear e das sombras que a amaldiçoam.

Nessa lógica, pode-se compreender Camelot não mais como uma cidade formidável e movimentada como assim sugerem os registros, mas sim, como o ideal de

⁷ Lerner (2019), ao definir o conceito de “patriarcado”, problematiza ainda o fato dessa construção não ser homogênea no espaço geográfico, abrindo caminhos para se estudar essa forma de dominação nas mais diferentes representações culturais.

liberdade e emancipação que, naquele momento, era inalcançável pela Lady por conta da maldição (ou a sociedade patriarcal). “Imagens pictóricas, discursos poéticos e lendas são representações do mundo que se oferecem ao historiador como portas de entrada ao mundo das sensibilidades da época que as engendrou” (PESAVENTO, 2002, p. 57).

O clímax final dessa história permite-nos compreender outra realidade muito difícil que recai sobre grande parte das mulheres brasileiras, sobretudo as negras, se considerarmos a interseccionalidade⁸, isto é, a inseparabilidade dos imperativos de raça, gênero e classe em camadas analíticas para melhor compreensão dos conflitos a que os indivíduos estão sujeitos no meio social; que é o momento em que a personagem finalmente consegue quebrar a barreira da repressão que a acorrentava dentro de valores patriarcais. Porém, apesar dessa prova de afoiteza, a Lady acabou tendo o mesmo desfecho que muitas das mulheres enfrentam ao tentar romper com a estrutura de violência: a morte. Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2021, a cada oito horas uma mulher foi vítima de feminicídio, no qual 97,8% destas conhecia seu agressor. O relatório também indicou que a maioria das vítimas eram mulheres negras:

Mesmo quando parece que algumas mulheres tiveram uma sorte relativa porque escaparam à violência física direta, a memória corporal de estar-com-os-outros fez com que o passado cerque o presente como atmosfera (DAS, 2011, p. 35).

⁸ Conforme Akotirene (2010, p. 16), a interseccionalidade “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. Já para Collins e Bilge (2020, p. 14) a interseccionalidade “[...], investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana.”

Imagem 2 – “Estou cansada das sombras” Disse a senhora de Shalott (1915)



Nesta obra o pintor John William Waterhouse (1849 - 1917) fez questão de destacar além da expressão exaurida da moça, a cidade de Camelot ao fundo da janela, e o tear, que representava naquela época uma das poucas atividades desenvolvidas pelas mulheres. Fonte: Art Gallery of Ontario.

De acordo com essas nuances, podemos perceber a Lady de Shalott não apenas como uma personagem fictícia alusiva ao retrato efetivo da opressão a que as mulheres inglesas foram submetidas em determinado momento da sua história, mas sobretudo, pode representar em linhas mais tênues o cotidiano das mulheres brasileiras que ainda sofrem com a violência nos mais variados espaços, seja ele público ou privado. Ademais, sobre a perpetuação dessa estrutura atemporal, Saffioti (2004, p. 102) nos diz:

Quer se trate de Pedro, João ou Zé Ninguém, a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (SAFFIOTI, 2004, p. 202).

Considerações finais

Segundo nos mostra Hannerz (1997, p. 12), os significados por “estarem em constante movimento” e “sendo sempre recriados”, podem dessa forma conseguir tornar-se duradouros, o que ajudaria no fluxo da cultura, isto é, a sua capacidade de mobilidade. Para isso, o antropólogo considera indispensável a participação das pessoas durante esse processo, cabendo a elas nesse sentido “[...] inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la.” Partindo desse pressuposto, o processo de musicalização também pode se tornar um importante agente na transmissão da cultura, principalmente quando o artista busca nos registros literários históricos referências para essa criação. É nesse sentido que a cantora canadense Loreena McKennitt vem trabalhando ao longo de mais de 30 anos de carreira. Contudo, esse processo pode resultar em muito mais do que apenas uma potencialização do acesso ao registro, como foi feito pela artista com o poema de Alfred Tennyson; mas também permite-nos descobrir como contextos se apresentaram em determinado espaço de tempo. Nesse sentido, pode-se notar que, para além de uma personagem fictícia idealizada pelo poeta em questão, há um retrato ainda mais sublime que, apoiado em metáforas, busca disfarçar a sua real intenção naquele momento, a de fazer uma crítica aos violentos e opressivos códigos vitorianos.

Sabendo, pois, da capacidade do fluxo cultural em também criar possibilidades a partir “recordação” e “transmissão” mencionada por Hannerz; para a discussão da estrutura global de violência contra a mulher, e considerando que as questões de gênero ainda deixam a desejar (ADICHIE, 2015); é interessante que, para essas análises, sejam utilizados cada vez mais elementos simbólicos, principalmente, aqueles que são produtos de alta rotatividade materializados em poemas, pinturas, músicas, entre outros; como forma de estruturar e argumentar cada vez mais que a situação de vulnerabilidade social em que as mulheres se encontraram em determinado momento, é ainda vivenciada em diferentes partes do globo, nesse caso por grande parte das mulheres brasileiras, direcionando-nos a refletir sobre a ainda perpetuação desse cenário na atualidade, que ainda vêm se sustentando através da falta de políticas

públicas que questionam profundamente a cultura brasileira, trazendo à tona discussões sobre as inumeráveis violências a que as mulheres brasileiras foram submetidas mesmo antes da colonização. Estamos falando de mulheres negras, indígenas, pobres, idosas e milhares de outras classificações de identidade que são completamente invisibilizadas em detrimento da construção de um padrão de normatividade que só atende à casta dominante da sociedade brasileira, comandada exclusivamente por homens brancos e com alto poder aquisitivo.

Assim sendo, a Lady de Tennyson e as “Ladys do Brasil” são bastante semelhantes no que se refere ao tipo de violência recebida. Contudo, diferentemente da construção de um personagem fictício retratado em um poema escrito a tinta e papel, a história real das mulheres brasileiras ainda continua sendo escrita com o sangue da impunidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das letras, 2015

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019

ALWAN, Dheyaa. 2019. The Predicament of Woman: a Feminist Reading in Selected Victorian Poetry. **Dirasat, Human and Social Sciences**, University of Jordan, v. 46, n. 2, p. 807-816.

BLAY, Eva Alterman. 2003. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 87-98.

BRANDALISE, Camila. 2021. ‘Humilhação’: violência psicológica atinge uma mulher a cada 3 segundos. **Universa Uol**, São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/26/violencia-psicologica-faz-1-viti-ma-a-cada-3-segundos-tratada-como-lixo.htm>. Acesso em: 26 mai 2022.

BRAH, Avtar. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Unicamp, n. 26, p. 329-376.

CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. SILVA, Luciane Lemos da, Coelho, SALEMA, Elza Berger. 2007. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.

11, n. 21, p. 93-103.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAS, Veena. 2011. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Unicamp, n. 37, p. 9-41.

DIAS, Vanuza Gonçalves. **A representação e ascensão da mulher em O despertar, de Kate Chopin**. 2016. Dissertação (Licenciatura em Letras-Língua Inglesa) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, PB, Brasil.

FABRÍCIO, Cybelle Leal. **Marginalização Feminina na Era Vitoriana Representada no Romance Tess, de Thomas Hardy**. Dissertação (Graduação em Letras Português - Inglês) - Universidade Federal do Amazona- UFAM - IEAA, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A história da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GARMUS, Beatriz. **Os reflexos da era vitoriana nas personagens femininas da obra: o leque de Lady Windermere de Oscar Wilde**. 2016. Dissertação (Graduação Letras Português - Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, PR, Brasil.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

KOHL, Chirlei. 2019. “Nosso presente anda lotado de passado”, diz antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz na Siepe 2019. **Superintendência de Comunicação Social**, UFPR. Disponível em: <https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/nosso-presente-anda-lotado-de-passado-diz-antropologa-e-historiadora-lilia-schwarcz-em-conferencia-na-siepe-2019/>. Acesso em: 25 de mai 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MCKENNITT, Lorena. **The Visit**, Canada: Quinlan Road e Warner Bros Records: 1991.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. Fragmentos, **Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 61-71, 1999.

OLIVEIRA, Sirlei da Silva Rocha. Entre a letra e a melodia. Miscelânea, **Revista de Literatura e Vida Social**, São Paulo, v. 21, p. 123-142, 2017.

OLIVEIRA, Luciana David de. **Signos e Metáforas na Comunicação da Música**. Tese (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP,

Brasil, 2007.

OTTO, Isabella. 2022. A cada 8h uma mulher foi vítima de feminicídio no Brasil em 2021. **Capricho**, São Paulo. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-cada-8h-uma-mulher-foi-vitima-de-feminicidi-o-no-brasil-em-2021/>. Acesso em: 14 jun 2022.

PESAVENTO, Sandra. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 30, p. 56-75, 2002.

REILY, Suzel. A música e a prática da memória—uma abordagem etnomusicológica. Música e cultura, **Revista da ABET**, Paraíba, v. 9, p. 1-18, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Elza. **Maria da Vila Matilde**. São Paulo: Circus, p. 39-31, 2015.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 78-99, 2011.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

TENNYSON, Alfred. **Crossing Bar e The Lady of Shalott** - Tradução de Helena Barbas. p. 1-6, 2006.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19**. 2. ed. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-edo2-v5.pdf> . Acesso em: 11 jan 2023.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **14º Anuário brasileiro de segurança pública 2020**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf> . Acesso em: 11 jan 2023.